

O trabalho e a luta pelo poder em *O Cacauleta*, de Inglês de Souza

Work and the Struggle for Power in *O Cacauleta*, by Inglês de Souza

Alisson Geovani Pinheiro do Vale

RESUMO: O presente estudo analisa *O Cacauleta*, de Inglês de Souza, com foco nas relações de trabalho e suas implicações socioeconômicas, evidenciando como disputas latifundiárias, raciais e de poder operam como superfície de um conflito maior: a luta pelo capital e pela manutenção de privilégios. A investigação também incorpora a noção de elemento disjuntivo, discutida pelo professor Luís Bueno, compreendendo-a como um recurso narrativo que evidencia fraturas sociais e funciona como mecanismo de autoafirmação econômica e simbólica dentro da trama. Nesse sentido, a pesquisa busca demonstrar como tais tensões estruturam a narrativa e revelam contradições profundas da sociedade amazônica representada por Souza.

Palavras-chave: Regionalismo amazônico. Disjunção. Capital. Poder.

ABSTRACT: The present study analyzes *O Cacauleta*, by Inglês de Souza, focusing on labor relations and their socioeconomic implications, highlighting how land-based, racial, and power disputes operate as the surface of a larger conflict: the struggle for capital and the preservation of privilege. The investigation also incorporates the notion of the disjunctive element, as discussed by Professor Luís Bueno, understanding it as a narrative device that exposes social fractures and functions as a mechanism of economic and symbolic self-affirmation within the plot. In this sense, the study seeks to demonstrate how such tensions structure the narrative and reveal the profound contradictions of the Amazonian society represented by Souza.

Keywords: Amazonian regionalism. Disjunctive. Capital. Power.

Introdução

Em *Economia política: Uma introdução crítica*, José Paulo Netto e Marcelo Braz pontuam de forma excelente acerca das relações sociais modernas de trabalho. É certo que Marx, em 1848, incomparavelmente, traduzira e previra essas relações, resultando um estudo que promove ainda hoje um alto grau de debates e comparações. A famosa frase que inicia seu manifesto, “a história de todas as sociedades até hoje é a história das lutas de classes” (2005, p. 40), evidencia a visão à frente do economista alemão. Olhar às relações sociais como indissociáveis às relações de trabalho trouxe concepções e reflexões que transformaram grandemente a sociedade como um todo.

Em outras palavras, falamos agora em uma sociedade estratificada em sua mais íntima essência. No mesmo capítulo introdutório do Manifesto, Marx aponta para a caracterização da nova forma social que surgira com a ruína do feudalismo, considerando esta como um remake daquela:

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado (Marx, Engels, 2005, p. 40).

Ainda no teor dessa discussão, Netto e Braz estabelecem que:

O trabalho é, sempre, atividade coletiva: seu sujeito nunca é um sujeito isolado, mas sempre se insere num conjunto (maior ou menor, mais ou menos estruturado) de outros sujeitos. Essa inserção exige não só a coletivização de conhecimentos, mas sobretudo convencer ou obrigar outros a realização de atividades, organizar e distribuir tarefas, estabelecer ritmos e cadências etc. – e tudo isso, além de somente ser possível com a comunicação propiciada pela linguagem articulada, não está regido ou determinado por regularidades biológicas; conseqüentemente, o caráter coletivo do trabalho não se deve a um gregarismo que tenha raízes naturais, mas, antes, expressa um tipo de vinculação entre membros de uma espécie que já não obedece a puros determinismos orgânico-naturais (Netto e Braz, 2021, n.p.).

Nesse sentido, pois, temos uma sociedade que se forma segundo o advento do trabalho, em uma dinâmica de aproximação entre si dos sujeitos ao mesmo tempo que há um certo estranhamento/distanciamento entre eles, evidenciando aqui, de forma bem simplista, este aspecto. A problematização que trago para este trabalho, portanto, diz respeito a essa dinâmica de aproximação entre os sujeitos por meio das atividades sociais do trabalho e a estratificação dela geradora de desigualdades presente no romance do escritor paraense Inglês de Souza, *O Cacauleta* (1876). Para tanto, este trabalho terá ainda como ponto de partida em suas aplicações para o romance escolhido, a conceituação de “disjunção” trabalhada de forma maestral pelo professor Luís Gonzales Bueno de Camargo.

Entregando uma pequena brecha acerca da significação teórica do termo, Luís Bueno aponta que a sociedade brasileira, ou melhor, a história da literatura brasileira, concentra-se em forjar uma unicidade nacional que está longe de ser vista na vida social. O que encontramos no Brasil do passado e do presente é uma diferenciação de classes dentro de uma mesma classe. É possível pensar que nossa sociedade nunca se viu como uma única nação, contudo, tal afirmação exigiria uma busca histórica mais profunda e detalhada que este trabalho, a primeiro momento, deixará de lado. Ressalto que o “cerne da coisa” será a identificação desse aspecto disjuntivo na obra de Inglês de Souza.

Trabalho e disputas em *O Cacaulista*

Publicado em 1876, *O Cacaulista*, de Inglês de Souza, integra, juntamente com *Coronel Sangrado* e *História de um Pescador*, a série posteriormente denominada pelo autor como *Cenas da Vida do Amazonas*. Embora não seja o primeiro volume publicado, *O Cacaulista* pode ser compreendido como obra inaugural do ciclo no que diz respeito à configuração de seus personagens e conflitos centrais. Tanto *O Cacaulista* (1876) quanto *Coronel Sangrado* (1877) compartilham o protagonismo de Miguel Fernandes, cuja narrativa se centra em sua disputa com o Tenente Ribeiro, inimigo de longa data de sua família, pela posse das terras do Urucurizal. Assim, este trabalho dedicar-se-á a *O Cacaulista*, tomando-o como ponto de partida para a análise das dinâmicas sociais, dos conflitos e das trajetórias que estruturam a narrativa no interior desse conjunto romanesco.

Nesse sentido, o romance narra a história de Miguel Faria, filho de João Faria, um português que, “como tantos outros filhos de Portugal”, engajou-se na malfadada colônia militar de Óbidos. Ali, João Faria acumulou certa quantia de dinheiro e dedicou-se ao ofício de regatão, que durante suas frequentes viagens ao Paraná-Miri de cima, acabou por conhecer o fazendeiro Miguel Fernandes, proprietário da fazenda São Miguel. Dessa amizade surgiu uma parceria comercial, culminando no convite de Fernandes para que João se tornasse sócio na administração da fazenda. Foi nesse contexto que João desposou Dona Ana, filha de Fernandes, gerando o protagonista da narrativa. Criado à lei da natureza, Miguel Faria incorporou o arquétipo do sujeito matuto, moldado pelo ambiente rural e pela ausência de instrução formal. João Faria, “como homem ignorante que era, votava profundo desprezo às letras” (2004, p. 32), optando por criar o filho no contexto prático e rústico da vida no campo. Durante a infância, Miguel cresceu ao lado de Rita, filha do Tenente Ribeiro, mulato e personagem central, descrito como um homem ambicioso que, após ter seu pedido de casamento a Dona Ana recusado, dedicou-se exclusivamente ao enriquecimento. Como o texto sugere, Ribeiro acumulou terras e poder por meio de meios escusos, sendo temido na região

devido às suas práticas agressivas, incluindo a usurpação de terras vizinhas. É com a morte de João Faria que Miguel assume a direção da fazenda São Miguel e herda, também, os conflitos de seu pai. A disputa pelas terras do Urucurizal se torna o cerne da narrativa, em que Miguel e Tenente Ribeiro se enfrentam não apenas em questões de propriedade, mas também em relação às diferenças ideológicas, éticas e sociais que permeiam suas trajetórias. Essa relação conflituosa, além de evidenciar as dinâmicas de poder na região, reflete as tensões entre os ideais de progresso e as práticas arcaicas, temáticas recorrentes na obra de Inglês de Souza.

Dado esse breve resumo da obra e suas personagens, alguns pontos cruciais devem ser destacados. Como mencionado na introdução desta pesquisa, este estudo se concentrará em analisar a obra de Inglês de Souza por dois vieses independentes, mas complementares. O primeiro viés examinará as relações de trabalho representadas na narrativa, explorando como essas dinâmicas refletem e problematizam as condições sociais e econômicas da região. O segundo viés buscará verificar o aspecto disjuntivo discutido pelo professor Luís Bueno, investigando como ele se manifesta na construção dos personagens e nos conflitos que estruturam a trama.

Por se tratar de um romance ambientado em 1866, na região da divisa entre Amazonas e Pará, os aspectos relacionados ao trabalho emergem como elementos centrais que permeiam as dinâmicas sociais e econômicas da narrativa. Nela, encontramos ofícios comuns à região, como o comércio de regatão, a exploração agrícola e as atividades extrativistas, que não apenas constituem o pano de fundo do enredo, como esboça o caráter das relações entre os personagens. Essas formas de trabalho, profundamente enraizadas no contexto histórico e geográfico, revelam como a organização econômica moldava as interações humanas na Amazônia do século XIX. Importante ainda destacar que as formas de trabalho não se limitam às atividades laborais em si, mas estão diretamente ligadas às formas como os sujeitos se relacionam.

Karl Marx, no prefácio de sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*, afirma: a totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida

social, política e espiritual em geral” (2008, p. 47). Em outras palavras, as relações interpessoais são inseparáveis do contexto econômico que as sustenta. Essa ideia encontra respaldo na Economia Política, conforme Netto e Braz afirmam: “é através do trabalho que a humanidade se constituiu como tal. Ou, se se quiser: o trabalho é fundante do ser social” (2021, n.p.). Na obra analisada, percebemos como os laços sociais e profissionais se entrelaçam, fundindo-se em uma só dinâmica. João Faria ascende social e economicamente ao casar-se com Dona Ana e tornar-se sócio de Miguel Fernandes, unindo interesses afetivos e financeiros. Da mesma forma, Moreira, militar e protegido de Ribeiro, alcança posição de destaque ao casar-se com Rita, consolidando sua influência por meio de alianças estratégicas.

Sob essa perspectiva, as ações das personagens não são isoladas ou arbitrárias; elas são determinadas por sua posição social, geográfica e, sobretudo, pela posição que ocupam na engrenagem capitalista. Assim, o romance não apenas reflete os conflitos individuais de seus personagens, mas também revela as estruturas sociais e econômicas que moldam suas decisões e destinos, reforçando a ideia de que o trabalho e as relações de poder são o eixo central da organização social representada na narrativa.

Ainda em tom semelhante, percebemos que a disputa por terras no enredo transcende a mera questão patrimonial, refletindo tensões mais amplas sobre poder, propriedade e sobrevivência. É fato que os dois embates explícitos do enredo (o conflito latifundiário entre Miguel e Ribeiro, e o conflito entre Miguel e Moreira em torno do amor de Rita) à primeira vista, se manifestam como conflitos raciais e sociais: branco versus preto, português versus matuto, cidade versus campo. Contudo, a essência de todas as tensões envolvidas converge para um único ponto: quem terá mais poder? Quem terá mais capital? Quem será o dono da terra do Uricurizal? Embora existam evidências que apontam para um conflito apenas de cunho racial, em que Ribeiro, por ser mulato, deve ser colocado em posição inferior por Miguel, que busca “pô-lo em seu lugar de mulato”, o cerne da disputa vai além.

Diferente do que Benedita afirma, “brigam por causa de um terreno que eu não queria de graça!” (2004, p. 104), devemos nos atentar que na época em que o romance é ambientado, terras eram sinônimo de poder, e poder significava influência social. Em resumo, trata-se de um conflito de capital: o dono da maior propriedade era, conseqüentemente, o senhor do poder. Essa dinâmica, tão bem

representada no romance, reflete as estruturas sociais e econômicas da Amazônia oitocentista, onde a posse de terras não apenas garantia recursos materiais, mas também conferia prestígio e autoridade na comunidade.

O fator determinante dessa questão é entender que a sociedade, consciente ou inconscientemente, sempre se orienta em direção à obtenção e ao acúmulo de capital. Como bem afirma Karl Marx em *O Capital*, Livro I:

Assim como a taxa de mais-valor é determinada por sua relação não com a soma total, mas com o componente variável do capital, também a grandeza do mais-produto é determinada por sua relação não com o resto do produto total, mas com a parte do produto em que está incorporado o trabalho necessário. Como a produção de mais-valor é o objetivo determinante da produção capitalista, o que mede o grau de riqueza não é a grandeza absoluta do produto, mas a grandeza relativa do mais-produto (Marx, p. 388).

Em resumo, a sociedade capitalista sempre caminha em direção à obtenção de lucro, seja qual for a forma como se relaciona com a natureza e seus sujeitos. Assim, esse direcionamento, presente nas relações sociais, econômicas e interpessoais, evidencia como o acúmulo de riqueza e poder molda as dinâmicas sociais.

A título de exemplo, vemos a disputa de Miguel Faria e o Tenente Ribeiro pela posse das terras do Uricurizal, não apenas por seu valor material, mas pelo prestígio e pela influência que ela representa. Da mesma forma, alianças matrimoniais como as de João Faria com Dona Ana e de Moreira com Rita reforçam a centralidade do acúmulo de capital e poder na construção das hierarquias sociais. Importante ressaltar que, em Coronel Sangrado, Rita, herdeira das terras e escravos de Ribeiro, casa-se com Miguel, por conseguinte, subentende-se que Miguel passa a possuir esses bens, consolidando-se como figura central no controle do capital. Essa dinâmica reflete diretamente a ideia marxista de que o capital tende a se centralizar, concentrando riquezas e poder em um número cada vez menor de indivíduos.

Karl Marx enxerga esse fenômeno como um fator intrínseco do capitalismo:

O monopólio do capital se converte num entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um grau em que se tornam incompatíveis com seu invólucro capitalista. O entrave é

arrebentado. Soa a hora derradeira da propriedade privada capitalista, e os expropriadores são expropriados. (Marx, p. 1013).

No contexto da narrativa, o casamento de Rita e Miguel não só simboliza uma união afetiva, mas também a fusão de capitais e propriedades, reforçando o caráter econômico das relações humanas na obra. Utilizando a concepção marxista de que toda relação é uma relação de trabalho, vemos na narrativa de Inglês de Souza, interações de personagens que transpassam o campo pessoal, isto é, que estão intrinsecamente imbricadas nas estruturas econômicas e interesses materiais que definem seus papéis sociais.

Disjunção e poder

Separei esse tópico em particular para retratar uma segunda concepção presente dentro do enredo estudado que se liga diretamente às formas de trabalhos destacadas anteriormente, mas que, em minha concepção, merece um destaque maior do que alguns parágrafos bem colocados pelo texto. Para entender este espaço, faz-se necessário compreender o conceito de “disjunção”, desenvolvido e aprofundado pelo professor Luís Bueno em *Disjunção e isolamento: ensaio de história literária*, tese de titularidade apresentada em 2021. Para o professor e aplicando ao propósito deste estudo, disjunção é o fenômeno em que faz a sociedade enxergar a si mesma de forma diferente e conseqüentemente desigual.

O que a canção de Chico Buarque¹ expressa de modo exemplar e novo é um dos problemas básicos da vida brasileira: a fragmentação de nossa sociedade, impulsionada pelas desigualdades gritantes que a marcam. Brasileiros vendo brasileiros como estrangeiros, cariocas vendo cariocas como invasores. É uma situação insolúvel, que reproduz nas prisões os navios negreiros (em mais um curto-circuito temporal que dá profundidade ao que se diz) e que aparentemente só pode ser superada com a negação de que tal divisão exista. Doideira, portanto. (Bueno, 2021, p. 39).

Sob a ótica do professor, este elemento disjuntivo, embora possa ser interpretado como um defeito social ou a ausência de unidade, é o que confere estrutura e unicidade ao romance. Abertos os olhos para essa perspectiva apresentada por Luís Bueno, conseguimos identificar dentro da obra analisada

¹ Trata-se da canção *As Caravanas*, composta e interpretada por Chico Buarque, lançada em 2017 no álbum *Caravanas*.

esse aspecto. Em um estudo da obra, intitulado como *A dialética da matutice e da civilidade: uma leitura crítica dos romances de Inglês de Souza*, Marcus Vinícius C. Leite faz uma distinção robusta acerca dos conceitos sociais de matuto e civilidade. Segundo ele, matutice é vista socialmente a algo que está ligado intimamente a aspectos negativos do que é rural, isto é, ligado diretamente a mato, incivilizado, atrasado, enquanto civilidade refletirá a cidade, o que é moderno, avançado.

Nessa concepção, o campo se torna sinônimo de retrocesso, enquanto a cidade se torna de avanço, o que acarreta a concepção de que aquele é visto com desprezo e certa chacota, enquanto esta é almejada, seja pelo prestígio que a ideia de cidade pode trazer, seja pela forma como se comportam e até mesmo se vestem. Em um anúncio extraído da Revista Cá & Lá, de 1917, encontramos um poema que reflete bem esse aspecto do campo versus cidade a qual este estudo pretende evidenciar.

O estylo é o homem! –
Dizia Efflon, um sábio de tom...
Está provado hoje em dia
Que era um erro de Buffon!

Um erro! Um erro profundo
Digno de eterno lábeo:
Pois sabe hoje todo o mundo
Que o homem...é o chapéo!
Acreditem! Não respingem!
É a Sciencia que o diz:
Pelos chapéus se distinguem
Os gênios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito
Com um chapéu de forma vil,
Amarrotado e mau feito,
Diz-se logo: “Que imbecil!

Mas quando alguém aparece
Trazendo no craneo, ao sol
Um chapéu que resplandece,
Que brilha como um farol,

Um chapeo limpo, correcto,
Que attrahe e seduz o olhar,
Com o seu encanto secreto,
Com a sua forma sem par,
Admirando o cavaleiro,
Diz a gente: Sim, senhor!
Ou é um grande banqueiro,
Ou é um grande escriptor!

Pois bem, queres ter talento,

Dominar a terra e o céu
Com vôo do Pensamento?
Quereis ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana...
Tereis um chapéu ideal,
Comprando-o na Americana
Do carvalho Portugal

(Cá & Lá, 1917).

Percebemos por meio deste anúncio que o chapéu assume figura não apenas como um acessório funcional, mas se transforma em um símbolo de status e sofisticação, sendo uma manifestação de identidade e hierarquia social. Nos versos do poema, o chapéu “limpo, correto” que “atrai e seduz o olhar”, é relacionado ao grande banqueiro ou escritor. Enquanto o chapéu “amarrotado e malfeito” é associado à ignorância e atraso. Em resumo, o poema veicula uma concepção popular acerca das características fisionômicas do prestígio social e aquilo que deve ser almejado e sugere, em paralelo, que aquele que não se encaixa nesse padrão é um sujeito desprovido de bom senso. Assim, elementos como vestimentas, comportamento, costumes emergem como mais um fator disjuntivo na sociedade. Este aspecto apresentado também pode ser visto dentro do romance, quando Rita está “decidindo” com quem casar e discute os prós e contras entre Miguel e Moreira.

Minutos depois a Rita recomeçava a conversa que o último dito da mulata finalizara.
_ Seo Moreira disque tem cinco calças de cazimira.
_ Cinco?!
_ Cinco, sim. O Miguel não tem nenhuma.
(Souza, 2004, p. 112).

Vemos assim, como a ideia de materialidade percorre até nas decisões mais íntimas. No caso de Rita, o casório deixa de ser uma questão afetiva e se torna um cálculo pragmático, mediado por questões simbólicas de poder e status, como as calças de casimira.

Contudo, esta dicotomia, se mostra como um dos aspectos observáveis para o elemento disjuntivo apresentado pelo professor Luís Bueno. Para reflexão, podemos nos questionar até onde o outro é igual a mim? Ou, o que o outro tem que se difere de mim? Considerando que, do olhar europeu, a cidade de Óbidos e suas

regiões, onde se concentravam as fazendas de cacaos, é tudo uma só coisa (campo), entendemos que a conceituação do que é estrangeiro é uma variável em relação ao contexto que é analisado. Ou seja, o que é considerado civilizado ou não civilizado, dependerá da perspectiva de quem analisa. É possível observar isso dentro da narrativa de *O Cacaulista*, onde verificamos que a cidade de Óbidos é vista como símbolo de modernidade e progresso, enquanto as regiões onde se localizavam as fazendas de cacaos, eram símbolos de incivilidade e rusticidade, ao mesmo tempo em que a narrativa nos mostra que a comunidade dessas regiões se considerava símbolo de civilidade em relação a indivíduos que moravam em regiões mais adentro da Amazônia. É o que ocorre, por exemplo, quando algumas das personagens da narrativa resolvem ir ao sítio de Maria Mucuí, apresentada como uma figura miserável, que vive de forma “animalesca” no que diz respeito à convivência com outras pessoas.

A Maria Mucuí era uma velha magra e quebrada pelos anos, de cabelos grisalhos, olhos pequenos, maçãs salientes, e boca, que quando ria deixava ver um dente comprido e negro, vestia saia de chita e camisa de americano, pisava descalça (...). A qualquer hora, e em qualquer dia que se visite um destes miseráveis sítios, sempre se encontra o fogão apagado, a casa silenciosa, o mato crescido, e o dono da casa fumando sentado no batente ou embalando-se na rede de americano. (...) Objeto de curiosidade não despida de certo terror, ao menos na gente moça, acreditavam seriamente no Paraná-miri que era feiticeira, e alguns chegavam mesmo a afirmar que a velha se transformava em lobisomem, revestindo a figura de uma pata choca (...). (Souza, 2004, p. 137 – 139).

Percebemos com a marcação desse trecho como a figura de Maria Mucuí funciona como uma representação do extremo da marginalização social e da pobreza. A forma como é caracterizada e a descrição do ambiente criam uma visão de abandono e primitivismo, o que reforça a ideia das personagens que pertencem a um estrato social “mais elevado”, de que sua existência se assemelha a uma existência “animalesca”. Ela é um contraponto que evidencia a necessidade constante dos outros personagens por distinção social.

A inserção de Maria Mucuí no romance destaca, de modo contundente, a ideia de disjunção apresentada pelo professor Luís Bueno. Enquanto, por exemplo, Rita e Miguel buscam diferenciar-se de Maria, por sua vez, a perspectiva europeia os colocaria no mesmo grupo social daquela. É nesta perspectiva que temos a

fragmentação social intensificada pela busca contínua de diferenciação e exclusão, onde o sujeito “inferior” serve como uma forma de reafirmação de status, isto é, a identidade social é construída via negação do outro.

Considerações finais

Considerando o atual contexto social do Brasil, torna-se importante esse olhar às literaturas que desempenham papéis semelhantes ao da obra analisada por este trabalho. Em *O Cacauleta*, de Inglês de Souza, é possível compreendermos como o trabalho, em suas múltiplas facetas, se torna um fator crucial na estruturação de relações sociais e econômicas. Vemos sob a superfície do enredo, mediante disputa latifundiária e conflitos raciais, a verdadeira questão por trás da coisa: a busca incessante pelo capital e pelo poder. É fato que muitos dos conflitos atuais camuflam o real motivo para diversas tensões sociais. Segundo Marx, “O modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e intelectual” (2008, p. 47). Dessa forma, o trabalho está bem distante de ser somente uma atividade prática, mas reflete e reproduz as contradições de um sistema que tende para acumulação de riquezas acima de tudo.

Vemos, pois, que o trabalho vai além da simples produção agrícola ou esforço físico, ele se configura como motor simbólico das disputas latifundiárias, onde a posse de terras funciona como marcador do status quo. Vale destacar que a busca constante pelo domínio das terras ocorre dentro de uma lógica de exploração que segundo Marx é inerente ao capitalismo. De modo complementar a esta questão, temos ainda como forma de afirmação e até certa manutenção do status quo, o elemento disjuntivo discutido pelo professor Luís Bueno. Assim como a busca incessante por capital, o aspecto disjuntivo não apenas reforça o ideal de exclusão do outro como um subproduto de desigualdades, mas se mostra principalmente como uma potente estratégia de manutenção do poder. Além disso, Marx argumenta como a lógica capitalista transforma o trabalho e o território em expressões espaciais do capital, gerando alienação e reforçando desigualdades estruturais, nas palavras de Marx, a propriedade privada individual é a última e mais completa expressão de produzir apropriação de produtos baseados em antagonismos de classes e na exploração de umas pelas outras. Nesse sentido, para

dentro do enredo, vemos que os conflitos adentram o campo simbólico, onde a subjugação de determinados grupos e a desumanização permitem a perpetuação de estruturas desiguais.

Referências

Anúncio extraído da Revista Cá & Lá, Manaus, Amazonas, 12, set., 1917.

CAMARGO, Luis Gonçales Bueno de. **Disjunção e isolamento: ensaio de história literária**. 2021. Tese de titularidade - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

LEITE, Marcus Vinnícius Cavalcante. A dialética da matutice e da civilidade: Uma leitura crítica dos romances de Inglês de Souza. **Papers do NAEA**, Belém, v.1, n.099. 1998.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Boitempo Editorial: São Paulo, 2002.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política – Livro I**. Tradução de Rubens Enderle. Boitempo Editorial: São Paulo.

NETTO, José Paulo. BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Cortez, São Paulo, 2021. E-book.

SOUZA, Inglês de. **O cacaulista – Cenas da Vida do Amazonas**. 2 ed. EDUFPA: Belém, 2004.

Data de submissão: 11/12/2025

Data de aceite: 04/05/2026